

## A abordagem cartográfica na pesquisa-intervenção participativa: o caso da Gestão Autônoma da Medicação (GAM)

Letícia Renault<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Portugal. [lerenault@ces.uc.pt](mailto:lerenault@ces.uc.pt)  
Integrante do grupo Enativos, Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Brasil.

**Resumo.** O artigo apresenta a metodologia de pesquisa-intervenção participativa de abordagem cartográfica desenvolvida pelo grupo Enativos (Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Brasil) em sua experiência com a Gestão Autônoma da Medicação (GAM). A GAM é uma estratégia no campo da saúde mental interessada em promover o acesso e compartilhamento da experiência do uso de medicamentos psiquiátricos, para fomentar a corresponsabilidade entre usuários, trabalhadores e familiares, reforçar a autonomia do usuário em relação ao tratamento medicamentoso e ampliar seu poder de negociação com as equipes de saúde. A abordagem metodológica desenvolvida pelo grupo Enativos é relativamente original no conjunto das investigações qualitativas, pois conecta contribuições de campos bastante diversos como a Análise Institucional, o método cartográfico inspirado nas indicações da filosofia de Deleuze e Guattari e a teoria da enação elaborada por Varela no âmbito das ciências cognitivas. São igualmente incorporadas indicações operacionais da entrevista de explicitação, elaborada por Vermersch.

**Palavras-chave:** Gestão Autônoma da Medicação; pesquisa-intervenção; pesquisa participativa; método da cartografia; abordagem enativa

### Cartographic approach in the participatory research-intervention: the case of Autonomous Medication Management (GAM)

**Abstract.** The article presents the participatory research-intervention methodology of cartographic approach developed by the group Enativos (Psychology Institute, Federal Fluminense University, Brazil) in its experience with Autonomous Medication Management (GAM). GAM is a strategy in the field of mental health interested in promoting the access and sharing of experience of the use of psychiatric drugs, in order to foster co-responsibility between users, workers and family members, to reinforce the user's autonomy regarding drug treatment and to expand their negotiating power with health teams. The methodological approach developed by the Enativos group is relatively original when compared to other qualitative investigations, since it connects contributions from different fields such as Institutional Analysis, the cartographic method inspired by the indications of the philosophy of Deleuze and Guattari and the theory of enaction elaborated by Varela in the scope of cognitive sciences. Operational indications of the explicitation interview, elaborated by Vermersch, are also incorporated.

**Keywords:** Autonomous Medication Management; intervention-research; participatory research; cartographic method; enactive approach

## 1 Introdução

A Gestão Autônoma de Medicação (GAM) é uma estratégia de abordagem no campo da saúde mental originalmente desenvolvida no Canadá a partir de movimentos sociais de usuários das redes de serviços alternativos (Rodriguez del Barrio & Poirel, 2007). Na década de 1990<sup>1</sup>, associações canadenses de defesa dos direitos no campo da saúde mental criaram o Guia GAM, um instrumento

<sup>1</sup> Para uma história da GAM no Canadá, ver <http://www.rasmq.com/gam.php>; consultar também: <http://www.rasmq.com/historique.php> e <http://www.aruci-smc.org/fr/projets/politiques-servicespratiques-axe-2/approfondissement-gam/#c118>

voltado ao usuário de medicamentos psiquiátricos com o objetivo de ampliar sua compreensão dos efeitos da medicação sobre múltiplos aspectos de sua vida e aumentar seu poder de negociação com as equipes de saúde. A GAM tem um caráter de franca contestação às abordagens de saúde mental exclusivamente baseadas no modelo biomédico, isto é, abordagens que buscam causas unicamente orgânicas para os sofrimentos com os quais deparam e que privilegiam o tratamento medicamentoso em detrimento de uma clínica psicossocial. No Canadá, a GAM é um movimento com predominante participação de usuários, contando com a colaboração de profissionais na sua maioria não médicos. O Guia canadense se insere neste movimento de contestação do modelo exclusivamente biomédico de tratamento e é uma ferramenta para pôr em cena a possibilidade de redução ou interrupção do tratamento medicamentoso.

No Brasil, o processo da Reforma Psiquiátrica, a despeito de todos os seus significativos avanços, ainda não enfrentou de maneira mais contundente os problemas gerados pelas formas de gestão dos medicamentos psiquiátricos nos serviços de saúde mental. Ora há situações de hipermedicalização, ora há o problema da falta de medicamentos em determinados serviços ou em determinados municípios. Nos dois casos, impõe-se uma decisão forçada quanto ao tratamento medicamentoso, em que a experiência vivida pelo usuário não é efetivamente levada em consideração. Há pouca reflexão sobre o lugar ocupado pela medicação no tratamento em saúde mental e poucos espaços de discussão acerca do tema - sobretudo espaços que envolvam os usuários. Por isso, entendendo o tema da medicação como um ponto cego da Reforma Psiquiátrica brasileira, decidiu-se adaptar a abordagem canadense da GAM à realidade brasileira por meio de um Projeto multicêntrico.

Esse Projeto de adaptação da GAM para o Brasil se deu por meio do Programa ARUC (Alianças de Pesquisa Universidades-Comunidades)<sup>2</sup>, que contou com a coordenação da UNICAMP, a participação de outras três universidades brasileiras (UFF, UFRJ, UFRGS) e a parceria da Université de Montréal. Este projeto ocupou-se, de 2009 a 2014, da tradução do Guia GAM e da adaptação e validação de sua versão brasileira junto aos usuários de medicamentos psiquiátricos, seus familiares e trabalhadores dos serviços públicos de saúde mental no país (Onocko Campos, 2009).

A participação do grupo Enativos da Universidade Federal Fluminense (UFF, Rio de Janeiro, Brasil) nesse projeto deveu-se, em grande medida, ao seu trabalho acerca da inclusão da experiência nas pesquisas acadêmicas e à sua reflexão em relação ao uso de metodologias de investigação em primeira pessoa no campo de estudos da cognição (Passos, Eirado, Renault, & Sade, 2018; Renault, 2010; A. do E. Silva et al., 2010). Compreendemos que a adaptação e validação do Guia GAM dependiam da inclusão das diferentes experiências em torno da medicação psicofarmacológica: o uso, a prescrição, o acompanhamento dos efeitos por parte de trabalhadores, familiares, amigos... Para a GAM, o tema da medicação em saúde mental não pode ser compreendido a partir de uma perspectiva distanciada, baseada tão somente em dados estatísticos ou representações abstratas. Para compreender o que se passa no processo de uso e prescrição de psicofármacos, é preciso acessar as experiências efetivamente vividas pelas pessoas envolvidas. Daí a importância da participação neste projeto e do papel de protagonistas que os usuários desempenham nos grupos de leitura e discussão do guia GAM (ou grupos de intervenção GAM). Por isso, a realização do Projeto GAM na UFF se valeu da discussão metodológica desenvolvida pelo grupo Enativos em torno do problema do acesso à experiência nas pesquisas em psicologia. Como veremos nos próximos tópicos, tal metodologia de acesso à experiência levou em conta diferentes referenciais teóricos e valeu-se da própria relação com o campo para as articular de forma consistente.

---

<sup>2</sup> *Alliance de Recherche Universités-Communautés*, um programa criado em 1999 pelo Conselho de pesquisa em Ciências Humanas do Canadá (CRSH) para apoiar a criação e a consolidação de parcerias entre instituições de nível superior e organizações comunitárias. Seu objetivo é estabelecer, apoiar e aprofundar as trocas entre competências acadêmicas na área de ciências humanas e as competências baseadas na experiência prática.

## 2 Experiência e Produção de Conhecimento: Noções Teórico-Metodológicas

A noção de experiência está no centro do projeto GAM: seu principal interesse é a experiência dos usuários de medicamentos psiquiátricos. Contudo, esta noção não possui uma definição fácil e imediata. Trata-se de um objeto passível de investigação científica? Como acessar a experiência de outrem? Tais perguntas, simultaneamente teóricas e metodológicas, estão subjacentes a todo o projeto da GAM. O grupo Enativos desenvolveu um percurso investigativo em torno de questões muito semelhantes, mas no campo da psicologia da cognição (Passos et al., 2018; Silva et al., 2010; E. Silva et al., 2006). Neste percurso, dois referenciais teórico-metodológicos foram fundamentais para compreender como a experiência se reporta às noções de objetividade e subjetividade e à produção de conhecimento: a abordagem enativa e a filosofia de Gilles Deleuze e Felix Guattari. Ambas se mostraram referências fundamentais para promover a inclusão da experiência nas práticas de pesquisa e evidenciar o vínculo estreito entre produção de conhecimento e intervenção.

### 2.1 A Abordagem Enativa e a Pesquisa-Intervenção

A abordagem enativa parte do conceito de enação desenvolvido pelo biólogo, filósofo e neurocientista chileno Francisco Varela. Este conceito descreve a cognição tomando como eixo central a noção de autonomia. *Enação* é um neologismo derivado do inglês *to enact*, ou fazer surgir, emergir; o termo enfatiza a ideia de que a cognição é mais bem descrita por seu papel performativo que por suas presumidas capacidades de representação. Dito de outro modo, o que um organismo vivo conhece e é capaz de perceber é tributário de sua ação, e não o resultado da representação de um mundo dado (Varela, 1994)

O conceito de enação abre espaço a um amplo espectro de investigações em psicologia cognitiva. Se percepção e ação definem-se mutuamente, o corpo desempenha papel fundamental no processo de se conhecer algo. Conhecimento envolve atividade, não é um fenômeno desencarnado e independente de contexto. Gestos cotidianos e banais, como atravessar uma rua, são modelos tão ou mais interessantes para se aprender sobre cognição quanto os testes de compreensão abstratos geralmente utilizados. O conceito de enação traz a experiência vivida e cotidiana para o centro das pesquisas acerca da cognição.

O conceito de enação é derivado das pesquisas em Biologia do Conhecimento promovidas por Maturana e Varela (2005), que descrevem os organismos vivos a partir do que, para eles, é sua característica fundamental: a autonomia. Segundo a Biologia do Conhecimento, todo fazer é um conhecer. Reciprocamente, todo conhecimento faz surgir um mundo. A fórmula “ser = fazer = conhecer” é, na verdade, a síntese mais completa. O próprio ser se define por sua atividade, ou seja, não há uma instância anterior à própria atividade criativa. Por sua vez, se o conhecimento não é representativo de objetos preexistentes à ação, pode-se afirmar que o conhecimento é criador. Sujeito que conhece e mundo conhecido surgem juntos, graças a esta ação criadora.

Tendo em vista a equivalência entre conhecimento e ação, o conceito de enação e a Biologia do Conhecimento são extremamente úteis à discussão sobre metodologia de pesquisa. A distância entre pesquisa e intervenção é posta em xeque, pois pesquisar é, necessariamente, intervir.

Isso não significa que as chamadas “pesquisas-intervenção” não possuam qualquer especificidade; ao contrário, elas se diferenciam de outras formas de investigação por estarem reflexivamente conscientes de seu caráter interventivo e diretamente comprometidas com os efeitos que produzirão. Isso significa dizer que a intervenção pode ser mais ou menos conservadora diante das situações que se apresentam, mais ou menos articulada em relação aos atores e instituições com as quais dialoga, e assim por diante. Na verdade, reconhecer a pesquisa como portadora de uma grande

dose de criatividade é só o início de uma série de reflexões acerca do seu papel no mundo e das consequências de sua prática. A atividade criadora da pesquisa pode ser mobilizada sob condições muito diferentes, com as mais diversas finalidades. O fato é que a identidade entre ser, fazer e conhecer impõe às pesquisas um conjunto de questões que afetam diretamente sua concepção de método. Quando se acredita que o conhecimento é a mera representação de um mundo dado, o método a ser empregado deve garantir a objetividade e neutralidade; no entanto, quando, em uma abordagem enativa, compreende-se que o conhecimento é produtor de mundo, o compromisso ético torna-se inerente à prática de pesquisa. Nessa perspectiva, as ferramentas metodológicas são também produtoras de sujeitos e objetos.

Segundo a abordagem enativa, portanto, “experiência” não se confunde com “dados subjetivos”, pelo menos não segundo o que tradicionalmente se entende por subjetividade - isto é, em oposição à objetividade, que excluiria qualquer referência a um sujeito cognoscente (Varela, Thompson, & Rosch, 1991). Embora radicalmente singular, a experiência tem uma dimensão que não é propriamente individual ou pessoal (Renault, 2010). Há uma dimensão ontológica ou comum da experiência, que está na base das experiências individuais e vividas de maneira pessoal (Silva et al., 2010).

O projeto GAM em uma abordagem enativa, portanto, demanda uma metodologia que não conceba a “experiência do usuário” como um objeto dado, preexistente ao próprio ato de investigação dessa experiência. Metodologias de investigação em psicologia que tratam a experiência como um objeto entre outros, a ser “coletado” ou “representado” pelo pesquisador, não eram suficientes para a GAM, pois não davam conta do caráter criativo e do compromisso ético da investigação.

## 2.2 A Cartografia

A cartografia, tal como a apresentaram Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995), serve de apoio para um conjunto de pesquisas brasileiras que se interessam pelo acompanhamento de processos; tais pesquisas não se pautam pelas regras metodológicas que velam pela representação de uma realidade supostamente dada e pela separação entre sujeito e objeto do conhecimento. Inspiradas pela ideia de que o conhecimento é experimentação e produção de subjetividades, as pesquisas que se guiam pela cartografia entendem o método como um conjunto de pistas e não de regras fixas. Tais pistas cultivam uma atitude ou *ethos* de pesquisa em que o conhecimento é tido como inventivo e não representativo. Isto é, trata-se de um método de pesquisa que leva em consideração, de maneira primordial, a inseparabilidade entre conhecimento, intervenção e cuidado (Passos, Kastrup, & Escóssia, 2009; Passos, Kastrup, & Tedesco, 2014).

A cartografia parte do conceito de rizoma, elaborado por Deleuze e Guattari. A imagem do rizoma (em oposição à imagem de uma raiz arbórea) serve para descrever um modelo epistemológico distinto da tradição majoritária nas investigações científicas. Neste modelo, um ponto conecta-se a outro sem que haja qualquer hierarquia entre eles, compondo uma rede a-centrada. Trata-se de um modelo que foge ao padrão de dualidade entre sujeito cognoscente-objeto conhecido. Desprovido de um centro, o rizoma permite que a atenção recaia sobre as conexões e intervalos de uma rede que se compõe por linhas móveis e moventes. O rizoma se reporta à produção dos mapas que traçam estas linhas – daí a ênfase no gesto cartográfico como metodologia de produção de conhecimento. Traçar mapas, neste contexto, não é representar um mundo dado, o que faz da cartografia uma metodologia afinada à abordagem enativa.

A cartografia apoiou-se também sobre o trabalho de Fernand Deligny, educador francês que, em determinado momento de sua carreira, se dedicou ao trabalho com crianças autistas. Deligny usou a confecção de mapas como uma ferramenta singular em seu trabalho; sua proposta era a de

acompanhar as crianças traçando seus movimentos, seus caminhos e sua inserção em um território local (Alvarez de Toledo, 2001). Como resultado, surgiam mapas em diferentes escalas, que delineavam o movimento das crianças e traçavam, ao mesmo tempo, um território comum no qual figuravam também os movimentos dos adultos que as acompanhavam (Terral, 2004). Esses mapas eram feitos ao longo do tempo e eram superpostos uns aos outros, em diversas camadas. Traços e mapas não serviam para interpretar, representar ou decifrar algum conteúdo. Eles serviam para fabricar uma conexão com um meio e compor um território comum. Emergiam percursos que se entrecruzavam e indicavam fluxos, paradas e criavam “nós”, configurando um mundo singular. Esses mapas não tinham um objetivo preciso, um propósito a ser alcançado a não ser, justamente, a sua própria confecção.

No mapeamento cartográfico de Deligny, o protagonista não é um sujeito: é o próprio processo que ganha relevo e que se inscreve no produto. O método cartográfico, portanto, aposta que o que vale para os mapas vale também para os relatórios de pesquisa. As pesquisas-intervenção cartográficas enfatizam a dimensão processual da subjetividade. O sujeito-pesquisador emerge no ato de pesquisar, bem como os objetos de pesquisa. Trata-se de uma intervenção paradoxal, fora da dicotomia entre a neutralidade científica e a intervenção diretiva: aqui, o pesquisador não é neutro, ele é um participante ativo, que sugere, hesita, se importa; por outro lado, o pesquisador não domina o processo de pesquisa. Suas sugestões, hesitações e interesses emergem no percurso, expõem-se aos demais participantes e se transformam graças à própria pesquisa.

Embora o método da cartografia se conecte a conceitos filosóficos bastante densos, ele é sobretudo um modelo pragmático. O próprio conceito de rizoma, com suas implicações epistemológicas e políticas, fora concebido por Deleuze e Guattari para ser usado como uma ferramenta prática, ainda que suas indicações estejam bastante distantes das de um manual de metodologia científica. Procurando descrever como o conceito de rizoma e a abordagem cartográfica operam concretamente em investigações, pesquisadores do grupo Cognição e Subjetividade (composto por pesquisadores da UFF, UFRJ e UFES) indicaram uma série de pistas operacionais desta metodologia (Passos et al., 2009, 2014). Dentre essas pistas, foram particularmente úteis à GAM as ideias de que: pesquisar é acompanhar processos; a cartografia depende de uma dissolução do ponto de vista do observador; a análise de dados na abordagem cartográfica é produtiva e transcorre durante todo o processo de pesquisa (não sendo apenas uma etapa posterior a uma fase supostamente “de coleta”); pesquisar é habitar um território.

Segundo a metodologia da cartografia, o caráter interventivo da GAM não estava ligado a um objetivo fixo, pré-determinado, a ser atingido (como a redução do uso de medicamentos psiquiátricos por parte dos usuários, por exemplo). Interessava-nos compor coletivamente mapas que traçassem as linhas dessa rede a-centrada na qual as experiências de uso de medicamentos eram fabricadas e transformadas durante a pesquisa-intervenção. Daí o caráter participativo dessa pesquisa-intervenção: tratava-se de uma composição coletiva. Ela não era conduzida unilateralmente pelo pesquisador e contava com o protagonismo dos trabalhadores, familiares e sobretudo, usuários dos medicamentos psiquiátricos, que experimentavam em primeira mão os efeitos do uso dessas substâncias.

### **3 Pesquisa Intervenção-Participativa de Abordagem Cartográfica: Pistas Operacionais da Metodologia**

Tendo em vista a inseparabilidade entre conhecimento e intervenção, entre conhecer e fazer, as fronteiras entre o referencial teórico e a metodologia em uma pesquisa se tornam menos nítidas ou, no mínimo, menos rígidas. Os gestos práticos de uma pesquisa produzem conhecimento e formas de

ver o mundo. A abordagem enativa e a cartografia não estabelecem regras fixas ou um protocolo a ser seguido, mas fornecem indicações acerca da atitude do pesquisador frente à pesquisa, ao conhecimento produzido e aos demais participantes. Mesmo recusando a rigidez dos protocolos e evitando estabelecer uma separação radical e artificial entre teoria e prática, é possível destacar alguns aspectos operacionais afinados à abordagem enativa e à cartografia. Trata-se de alguns gestos específicos que facilitam o acesso à experiência, sem confundi-la nem com dados subjetivos, nem com um objeto entendido segundo os critérios das ciências naturais.

### 3.1 O Analisador

A Análise Institucional, com suas ferramentas teórico-práticas, oferece um modo de acessar a experiência em sintonia com a abordagem cartográfica e enativa. A Análise Institucional visa à transformação de instituições e se inspirou em alguns dos conceitos psicanalíticos tais como “inconsciente” e “análise”. A Análise Institucional tem como seus principais expoentes os franceses Georges Lapassade e René Lourau e, como indicam Rossi e Passos (2014), ela é uma importante referência para a tradição latino-americana de pesquisas-intervenção, que conta também com os conceitos desenvolvidos por Félix Guattari após a década de 1950 no contexto da Psicoterapia Institucional. As noções de intervenção e de análise ganham um sentido muito peculiar na Análise Institucional e na Psicoterapia Institucional: o alvo da intervenção são as instituições e a análise não está centrada na figura do analista. Embora o analista participe ativamente da intervenção, isto é, embora ele não assuma uma posição neutra ou distanciada, ele não é diretamente o operador da análise.

Assim, um importante gesto operacional posto em prática pela GAM é a identificação do que a Análise Institucional denomina “analisadores”. Os analisadores são acontecimentos que produzem rupturas na aparência homogênea e visível da instituição<sup>3</sup>; ou seja, os analisadores manifestam o invisível e o não-dito institucional. Ao mesmo tempo em que são reveladores de uma determinada situação, esses acontecimentos também a transformam, funcionando como catalisadores e modificando as relações até então estáveis que configuravam a face visível da instituição. São os analisadores, portanto, que operam de fato a análise. Esses acontecimentos podem ser de toda ordem – um episódio, uma enunciação, a presença ou ausência de algo ou alguém... Embora o analista possa criar situações para propiciar a análise, os analisadores são, com efeito, imprevisíveis. Eles podem irromper a qualquer momento e só são identificados *a posteriori*, isto é, eles só existem em ato (Rossi & Passos, 2014). Esse fato confere um caráter muito peculiar à intervenção: ela se caracteriza por uma atitude de espreita em relação aos analisadores. A intervenção acontece quando se aproveita a ocasião. A noção de pesquisa-intervenção no Brasil está fortemente ligada à construção e/ou utilização de analisadores (Rodrigues, 2012), se afastando assim de uma tradição mais propositiva de pesquisa-ação na qual o objetivo da intervenção já se encontra definido de antemão.

A análise praticada pela Análise Institucional se interessa por uma dimensão inconsciente, tal como na psicanálise, mas essa dimensão não remete, aqui, a individualidades - nem do analista, nem de analisandos. Nesse sentido, ela está afinada à concepção de experiência segundo a abordagem enativa e cartográfica: a experiência não é um objeto a ser apreendido e o dispositivo de investigação leva em conta as transformações recíprocas de sujeito e mundo, pesquisador e pesquisado.

<sup>3</sup> Para a Análise Institucional, as instituições não designam as organizações propriamente ditas, mas as relações históricas e políticas que permeiam uma determinada coletividade e a fazem ser o que é.

No caso da GAM, foram muitos os analisadores ao longo do processo de trabalho, mas podemos citar a própria discussão em torno do uso da medicação psiquiátrica como caso exemplar. Ao invés de estudar a experiência do uso de psicotrópicos por parte dos usuários como um dado a ser coletado e recenseado por meio de questionários ou entrevistas, a GAM sugeria essa discussão como um tópico em aberto e colhia os efeitos dessa sugestão, produzindo cuidado. Não era raro encontrar resistência em promover conversas sobre o tema por parte da direção dos serviços de saúde ou por parte dos psiquiatras que trabalhavam nesses serviços. Tal resistência serviu como analisador, pois denotava a perseverança da instituição biomédica mesmo em serviços declaradamente dedicados a oferecer um atendimento psicossocial<sup>4</sup>. Diante desse cenário, o compromisso da pesquisa-intervenção passou a ser também a inclusão da experiência dos trabalhadores e o fomento ao diálogo com os gestores através da realização de reuniões e fóruns<sup>5</sup>.

Outro analisador foi a constatação, em um dos serviços em que estivemos, de que muitos usuários de medicamentos psiquiátricos não frequentavam o equipamento de saúde: seus familiares iam regularmente ao serviço buscar os medicamentos em seu lugar. Percebemos, assim que “a experiência de uso de medicamentos” incluía também os familiares e essa inclusão se dava de um modo que não havíamos levado em conta no desenho inicial da pesquisa. Isso nos levou a modificar o dispositivo em um dos campos de investigação, propondo um grupo de leitura e discussão do Guia GAM também com os familiares dos usuários, em parceria com os trabalhadores e universitários. O diálogo sobre o uso dos medicamentos gerava dúvidas e angústia para os familiares, de modo que os efeitos do próprio projeto demandavam a criação desse grupo simultaneamente de investigação e de cuidado (Ramos, 2012; Renault, 2015).

Assim, os analisadores expõem as instituições invisíveis que fazem com que uma coletividade funcione de uma determinada maneira. Ao explicitá-las, a análise promove uma transformação: essas instituições perdem seu caráter natural e surgem como algo construído coletivamente e, portanto, como algo passível de uma transformação igualmente coletiva. Também aqui destaca-se o caráter necessariamente participativo desse tipo de pesquisa-intervenção. A Análise Institucional afirma que a manutenção da invisibilidade das instituições é um incentivo à heterogestão, pois se desconhecemos as forças históricas e políticas que movem nossas ações, estamos fadados a reproduzir os imperativos institucionais. Portanto, do ponto de vista metodológico, os analisadores eram fundamentais ao projeto GAM e ao seu interesse em fomentar a autonomia e a cogestão<sup>6</sup>.

Outra ferramenta operacional da Análise Institucional afim às abordagens enativa e cartográfica da experiência de uso de medicamentos foi a análise de implicação. A análise de implicação aponta para a participação ativa do pesquisador naquilo que ele pretende pesquisar. Toda análise abrange instituições que atravessam tanto o analista quanto aquilo que ele tenciona analisar – daí sua implicação. Tendo como alvo uma dimensão invisível e coletiva, a análise não é uma habilidade sob o domínio exclusivo do analista. Também ele está atravessado por diversas instituições, de modo que a emergência dos analisadores coloca em xeque seus pressupostos e suas perspectivas sobre os objetos investigados. Assim, para a Análise Institucional, “toda análise é análise de implicação” (Rodrigues, 2012). Operacionalmente, isto permitiu à GAM reformular o dispositivo de pesquisa conforme o trabalho avançava. Tornava-se necessário incluir na pesquisa a experiência concreta e singular dos investigadores universitários<sup>7</sup> como parte do material “sob análise”. No caso de uma

<sup>4</sup> O projeto GAM no Brasil foi realizado nos CAPS (Centros de Atenção Psicossocial), serviços que, ao lado de outros equipamentos, passaram a compor a rede substitutiva aos manicômios após a Reforma Psiquiátrica Brasileira.

<sup>5</sup> Para mais detalhes acerca da análise na pesquisa-intervenção participativa da GAM, ver Renault (2015).

<sup>6</sup> Cf. as concepções de autonomia e cogestão na GAM para o grupo Enativos (Melo, Schaeppi, Soares, & Passos, 2015; Ramos, 2012).

<sup>7</sup> Para a GAM, todos os participantes da pesquisa eram investigadores, de modo que havia “investigadores usuários”, “investigadores trabalhadores”, “investigadores familiares” e “investigadores universitários”.

pesquisa-intervenção ligada à universidade, por exemplo, a própria pesquisa é uma dessas instituições a ser analisada, com todas as suas exigências, hierarquias, pré-requisitos. Portanto, a análise não é uma intervenção premeditada pelo analista, que planejaria e regularia a transformação segundo seus conhecimentos ou suas reflexões esclarecidas. Há uma dimensão inconsciente (institucional) que afasta a Análise Institucional do voluntarismo adaptativo ou conscientizador de alguns estilos de pesquisa-ação (Paulon, 2005). Não se busca empreender uma ação diretamente sobre um determinado aspecto visível ou consciente de um problema que se queira corrigir; ao contrário, como indica Lourau (1973) interessa interrogar o que está à sombra.

Assim, a instituição nunca é um objeto “exterior”, independente do investigador ou analista. Aqui, tal como na abordagem enativa e cartográfica, a experiência não é um objeto a ser apreendido pelo pesquisador; ela é a condição de emergência de sujeitos e objetos. A análise de implicação torna-se uma condição necessária da pesquisa, colocando lado a lado as vivências de pesquisadores e participantes da pesquisa. Do ponto de vista metodológico, gestos operacionais que permitam a análise coletiva, a emergência dos analisadores e um exercício de reflexividade da própria pesquisa (tais como espaços de supervisão e de reformulação dos dispositivos de investigação ao longo do trabalho) são muito úteis à pesquisa-intervenção de abordagem cartográfica.

### 3.2 A Entrevista de Explicitação

Por fim, gostaríamos de destacar outra referência fundamental à pesquisa-intervenção GAM: a entrevista de explicitação (Maurel, 2009; Vermersch, 1994). Esta técnica de entrevista serviu de base para a formulação do que denominamos entrevistas cartográficas (Passos et al., 2018; Renault, Passos, & Eirado, 2016), central para o manejo dos grupos de intervenção GAM no projeto do grupo de pesquisa Enativos (Sade, Renault, Melo, & Passos, 2013).

A técnica da entrevista de explicitação, criada pelo psicólogo francês Pierre Vermersch, já fora utilizada pelo grupo de pesquisa Enativos em um projeto anterior ao da GAM (Passos et al., 2018; Renault, 2010). Essa técnica procura permitir a colocação em palavras, por parte do entrevistado, de sua experiência concreta e vivida ao realizar alguma tarefa. O manejo da entrevista pretende guiar o entrevistado em direção à verbalização dessa experiência, sem conduzi-lo de maneira diretiva. O entrevistador não oferece nenhum conteúdo ao entrevistado, ao contrário do que acontece em entrevistas diretivas e semi-diretivas, estando atento às formulações e vivências que surgem durante a experiência da própria entrevista. Ou seja, trata-se de uma técnica que não busca antever ou antecipar a experiência do outro e na qual o entrevistador põe momentaneamente de lado – suspende<sup>8</sup> – suas próprias crenças, expectativas e julgamentos.

A entrevista de explicitação aproxima-se das chamadas metodologias de primeira pessoa (Varela & Shear, 1999), ainda que com algumas diferenças<sup>9</sup>. Tais metodologias procuram incluir a experiência na investigação científica, com suas especificidades e qualidades intrínsecas. Para isso, as metodologias de primeira pessoa têm como fonte não a observação externa do comportamento de outrem, mas os relatos em primeira mão de quem vive a experiência.

A entrevista desenvolvida por Vermersch (1994) busca acessar um tipo particular de experiência: a de saberes práticos, implícitos, que quase nunca ganham expressão formal e que não poderiam ser prontamente postos em palavras nem mesmo por aqueles que os realizam. Tais saberes são, muitas vezes, gestos cotidianos como cozinhar ou andar de bicicleta, que são desempenhados sem que

<sup>8</sup> A técnica da entrevista de explicitação foi fortemente influenciada pela fenomenologia, sendo constantes as referências à atitude de suspensão ou redução fenomenológica (*epoché*) (Depraz, Varela, & Vermersch, 2003).

<sup>9</sup> Tecnicamente, a entrevista de explicitação é uma metodologia de segunda pessoa, pois embora seu foco seja a experiência vivida em primeira pessoa, ela depende da mediação do entrevistador.

saibamos descrever, de maneira imediata e em detalhes, *como* o fazemos. Outras vezes, trata-se de competências profissionais sofisticadas, que só são aprendidas na prática e que podem ser encontradas nos mais variados campos de atuação, desde a enfermagem até à resolução de problemas matemáticos. Um perito em determinada área, embora extremamente competente, pode se sentir incapaz de explicar como realiza suas ações ou resolve um determinado problema. No dia-a-dia, as pessoas podem “não saber que sabem” e se surpreenderem ao se dar conta das habilidades que desempenham de forma não consciente. Enfim, a entrevista de explicitação se interessa por estes aspectos implícitos da experiência de se realizar uma determinada tarefa. Até então pré-refletidos, estes aspectos podem ganhar a consciência refletida graças ao tipo de manejo específico proposto por esta técnica de entrevista. Ela permite pôr em palavras um “saber-fazer” (*know-how*) que estava às margens da consciência, mas que é imprescindível à realização de determinadas ações. É interessante observar que, nessa técnica de entrevista, a experiência não é julgada a partir de critérios externos a ela. Não há, de antemão, uma qualificação da experiência em termos positivos ou negativos. Evitam-se perguntas que evoquem juízos, racionalizações ou interpretações (tais como “Por quê?”), preferindo-se interrogar a descrição concreta e factual do que se passa (“Como? Quais efeitos?”) (Maurel, 2009; Vermersch, 1994). A experiência não é encarada a partir dos seus resultados (em termos de sucesso ou fracasso no alcance de determinadas metas estabelecidas de antemão), mas sim sob o ponto de vista de seu desenrolar. Nesse sentido, a entrevista de explicitação está totalmente afinada à abordagem enativa, pois, como afirmam Maturana e Varela (2005), todo conhecer é um fazer: a experiência pode ser abordada como um conhecimento prático e toda vivência pode ser descrita como um saber-fazer ou *know-how*.

Para a GAM, interessava compreender as experiências de uso de medicamentos psiquiátricos como um saber-fazer, pois a valorização do saber do usuário era condição para o exercício de uma gestão mais autônoma do tratamento. Os grupos de intervenção GAM funcionavam como entrevistas coletivas (Sade et al., 2013), nas quais a experiência de tomar medicamentos psiquiátricos ganhava contornos bastante singulares e concretos, ao mesmo tempo em que se coletivizava.

As entrevistas coletivas que realizamos guardavam algumas diferenças em relação à entrevista de explicitação e, por isso, preferimos nomeá-las de “entrevistas cartográficas”(Renault et al., 2016). Contudo, do ponto de vista operacional, eram muito semelhantes à entrevista de explicitação e se inspiravam em grande medida nas indicações de Vermersch. Nas entrevistas coletivas nos grupos de intervenção GAM, o que interessava não era tanto “a experiência do entrevistado”, mas a própria experiência da entrevista, na qual entrevistador e entrevistado surgiam, um para o outro, de uma forma única e inseparável do contexto da entrevista. A entrevista era uma experiência comum, compartilhada.

O Guia GAM, era lido e discutido sob a inspiração da entrevista de explicitação; o Guia propõe questões que se endereçam à experiência em seus aspectos práticos. A experiência de tomar medicamentos é composta, concretamente, por uma série de gestos que carregam um saber prático extremamente articulado e adaptado às exigências de uma determinada situação. Os usuários possuem saberes implícitos que podem ajudá-los a responder uma série de questões: qual o melhor horário para tomar o medicamento? Como ajustar as doses de forma a aumentar o bem-estar? Qual o equilíbrio entre benefícios e prejuízos que funciona melhor para mim? Normalmente, este saber não ganha legitimidade e raramente é tido como tal, seja pela sociedade, seja nos serviços de saúde, seja por aquele mesmo que o detém.

Assim, a entrevista de explicitação forneceu indicações preciosas para uma abordagem enativa e cartográfica da experiência no projeto GAM, permitindo ao mesmo tempo a produção de conhecimento e a realização de uma intervenção norteada pelo cuidado.

## 4 Conclusões

O projeto GAM tem como foco a experiência do uso de medicamentos psiquiátricos, de modo que sua efetivação depende do emprego de uma metodologia adequada ao acesso à experiência. A metodologia de pesquisa-intervenção participativa de abordagem cartográfica utilizada pelo grupo Enativos toma como ponto de partida metodológico uma reflexão sobre o próprio conceito de experiência, combinando produção de conhecimento e produção de cuidado. A cartografia oferece um modelo de produção de conhecimento alternativo àquele que se apoia sobre a separação original entre sujeito cognoscente e objeto conhecido. O conceito de enação, por sua vez, fornece a chave para compreender a experiência como base da coemergência de sujeito e objeto. Se a experiência não é um objeto dentre outros, seu acesso demanda uma atenção aos efeitos performativos da própria investigação. A Análise Institucional e a entrevista de explicitação fornecem os instrumentos para apreciar os efeitos da intervenção de maneira reflexiva.

Tal metodologia de acesso à experiência oferece o benefício de evidenciar o caráter de intervenção de toda produção de conhecimento, de modo a não separar a investigação de uma atitude ética de cuidado.

## Referências

- Alvarez de Toledo, S. (2001). Pédagogie poétique de Fernand Deligny. *Communications*, 71, 245–275.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil Platôs, vol. 1*. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras.
- Depraz, N., Varela, F. J., & Vermersch, P. (2003). *On becoming aware. A pragmatics of experiencing*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing.
- Lourau, R. (1973). Analyse institutionnelle et question politique. *L'Homme et La Société*, 29–30, 21–34.
- Maturana, H., & Varela, F. (2005). *A Árvore do Conhecimento*. São Paulo: Palas Athena.
- Maurel, M. (2009). The Explicitation Interview: Examples and Applications. *Journal of Consciousness Studies*, 16(10–12), 58–89.
- Melo, J., Schaeppi, P. B., Soares, G., & Passos, E. (2015). Acesso e compartilhamento da experiência na Gestão Autônoma da Medicação - o manejo cognitivo. *Caderno HumanizaSUS*, 5, 233–247.
- Onocko Campos, R. (2009). Pesquisa avaliativa de uma rede de Centros de Atenção Psicossocial: entre a saúde coletiva e a saúde mental. *Cad. Bras. Saúde Mental*, 1(1).
- Passos, E., Eirado, A. do, Renault, L., & Sade, C. (2018). A Entrevista Cartográfica na Investigação da Experiência Mnêmica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(2), 275–290.
- Passos, E., Kastrup, V., & Escóssia, L. da. (2009). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Ed. Sulina.
- Passos, E., Kastrup, V., & Tedesco, S. (2014). *Pistas do método da cartografia - Vol. 2*. Porto Alegre: Ed. Sulina.
- Paulon, S. M. (2005). A análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. *Psicologia & Sociedade*, 17(3), 18–25.

- Ramos, J. F. C. (2012). *A autonomia como um problema: uma pesquisa a partir da realização do dispositivo GAM em um CAPS fluminense*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense.
- Renault, L. (2010). *Um estudo sobre a noção de experiência no campo da cognição: a abordagem enativa*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense.
- Renault, L. (2015). *A análise em uma pesquisa-intervenção participativa: o caso da Gestão Autônoma da Medicação*. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense - Rio de Janeiro, Brasil.
- Renault, L., Passos, E., & Eirado, A. do. (2016). Da entrevista de explicitação à entrevista cartográfica. In T. Galli, F. Amador, & M. E. B. de Barros (Eds.), *Clínicas do trabalho e paradigma estético* (pp. 61–77). Porto Alegre: UFRGS.
- Rodrigues, H. de B. C. (2012). Analisar. In T. Fonseca, L. Nascimento, & C. Maraschin (Eds.), *Pesquisar na diferença*. Porto Alegre: Sulina.
- Rodriguez del Barrio, L., & Poirel, M. (2007). Émergence d'espaces de parole et d'action autour de l'utilisation de psychotropes: la Gestion Autonome des Médicaments de l'âme. *Nouvelles Pratiques Sociales*, 19(2), 111–127.
- Rossi, A., & Passos, E. (2014). Análise institucional: revisão conceitual e nuances da pesquisa-intervenção no Brasil. *Revista EPOS*, 5(1), 156–181.
- Sade, C., Renault, L., Melo, J., & Passos, E. (2013). O uso da entrevista na pesquisa-intervenção participativa em saúde mental: o dispositivo GAM como entrevista coletiva. *Ciência e Saude Coletiva*, 18(10), 2813–2824.
- Silva, A. do E., Passos, E. H., Fernandes, C. V. de A., Guia, F. R. da, Lima, F. R. de, Carvalho, J. F., ... Barros, L. M. R. de; (2010). Estratégias de pesquisa no estudo da cognição: o caso das falsas lembranças. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 84–94.
- Silva, E., Passos, E. H., Vasconcelos, C. S., Lima, F. R. De, Vinícius, C., Fernandes, D. A., ... Barros, R. De. (2006). Memória e Alteridade: O Problema das Falsas Lembranças. *Mnemosine*, 2(2), 75–86.
- Terral, D. (2004). Le silence des enfants fous, l'étrange Fernand Deligny et la cartographie des illettrés savants. *Empan*, 3(55), 138–141.
- Varela, F. J. (1994). *Conhecer: as ciências cognitivas tendências e perspectivas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Varela, F. J., & Shear, J. (1999). First-person Methodologies: What, Why, How? *Journal of Consciousness Studies*, 6(2–3), 1–14.
- Varela, F. J., Thompson, E., & Rosch, E. (1991). *The Embodied Mind: Cognitive science and human experience*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Vermersch, P. (1994). *L'entretien d'explicitation*. Issy-les-Moulineaux: ESF Éditeur.